

LIÇÃO 12 - A Unidade da Coisa Definida e da Definição

TEXTO DE ARISTÓTELES – Capítulo 12: 1037b 8-1038a 35

“ 640. E falemos agora primeiro sobre a definição, na medida em que não foi discutida nos Analíticos; pois o problema ali mencionado constitui um preâmbulo para os argumentos sobre a substância. E por este problema entendo: por que razão é uma aquela coisa cuja expressão inteligível chamamos de definição? Por exemplo, animal bípede é a definição de homem; pois suponhamos que esta seja sua expressão inteligível. Por que, então, isto é uma só coisa e não muitas, a saber, animal e bípede?

641. Pois homem e branco são muitos, já que este não está presente naquele; mas tornam-se um quando este está presente naquele, e o sujeito, homem, é o recipiente de algum atributo; pois então uma coisa é produzida, e esta é homem branco. Mas neste caso um não participa do outro; um gênero não participa de suas diferenças, pois então a mesma coisa participaria de contrários; pois as diferenças pelas quais um gênero é distinguido são contrárias.

642. E mesmo que não participe delas, o mesmo argumento se aplica se as diferenças são muitas, por exemplo, capaz de andar, bípede e sem asas. Pois por que todas estas são uma e não muitas? Não é porque são encontradas em uma coisa, pois então uma coisa será composta de todas as diferenças.

643. Mas todos os elementos de uma definição devem ser um, porque uma definição é uma expressão inteligível e uma substância. Logo, deve ser a expressão inteligível de alguma coisa particular; pois substância significa uma coisa e uma coisa particular, como dissemos (582).

644. Agora é necessário primeiro examinar aquelas definições que são obtidas pelo processo de divisão. Pois não há nada em uma definição exceto o gênero primário e as diferenças; e os outros gêneros consistem do chamado gênero primário e das diferenças incluídas nele; por exemplo, o gênero primário é

animal, e o seguinte é bípede, e o seguinte é animal bípede sem asas. E o mesmo também se aplica se uma definição é expressa por muitos termos. E, em geral, não faz diferença se é expressa por muitos ou por poucos, ou se é expressa por poucos ou por dois. Dos dois, então, um é a diferença e o outro é o gênero; por exemplo, na expressão "animal bípede", animal é o gênero e o outro termo é a diferença. Logo, se um gênero em sentido absoluto não existe separadamente daquelas coisas que são suas espécies, ou se tem a natureza de matéria (pois a palavra falada é tanto um gênero quanto matéria, e as diferenças fazem a espécie, i.e., as letras, a partir disso), é claro que a definição é a expressão inteligível composta das diferenças.

645. Além disso, é necessário também que uma diferença seja dividida por uma diferença, como "ter pés" é uma diferença de animal; e é necessário também conhecer a diferença de animal que tem pés, na medida em que tem pés. Portanto, se alguém deve falar corretamente de algo que tem pés, não deve dizer que um tipo é alado e outro não alado; e se o disser, será por incompetência. Mas falará corretamente apenas se disser que um tipo tem pés fendidos e o outro não; pois estas são as diferenças da diferença ter pés, já que um pé fendido é um certo tipo de pé. E sempre se deseja proceder desta maneira até chegar às espécies que não têm diferenças; e então haverá tantas espécies de pé quantas forem as diferenças, e as espécies de animais que têm pés serão iguais em número às diferenças.

646. Se estas coisas são assim, então é evidente que a diferença última será a substância e definição da coisa, se a mesma coisa não deve ser expressa muitas vezes em expressões definitórias, porque isso é supérfluo. No entanto, isso às vezes acontece, pois quando se diz "animal bípede que tem pés", não se disse nada mais do que animal que tem pés e tem dois pés. E se isto é dividido por sua diferença própria, expressará a mesma coisa muitas vezes, e em número igual às diferenças. Se, então, uma diferença de uma diferença pode ser produzida, aquela que é a diferença última será a forma específica e a substância.

647. Mas se a divisão é feita de acordo com o accidental, como se alguém dividisse o que tem pés em branco e preto, haverá tantas diferenças quantas forem as divisões.

648. Portanto, é evidente que a definição é uma expressão inteligível composta de diferenças, e que é composta pela última delas se a definição é formada corretamente.

649. Além disso, isto será evidente se mudarmos a ordem das palavras em tais definições, por exemplo, na definição de homem dizendo "animal bípede que tem pés"; pois ter pés é supérfluo quando bípede já foi afirmado. Mas não há sequência de partes na substância, pois como entender que uma parte é

posterior e a outra anterior? Portanto, com relação àquelas definições formadas pelo processo de divisão, que seja este um enunciado preliminar sobre o tipo de coisas que são.

COMENTÁRIO

1537. Após ter mostrado quais partes são dadas nas definições, aqui o Filósofo investiga como uma definição, sendo composta de partes, pode ser una; e a respeito disso faz três coisas. Primeiro (640:C 1537), levanta uma questão. Segundo (641:C 1538), argumenta de um lado ("Pois homem"). Terceiro (644:C 1542), responde à questão ("Agora é necessário").

Ele diz, portanto, que com relação à definição devemos falar agora pela primeira vez das coisas que não foram afirmadas sobre ela "nos *Analíticos*", i.e., nos *Segundos Analíticos*. Pois naquela obra uma certa dificuldade foi levantada sobre a definição e deixada sem solução, e esta deve ser respondida aqui "porque constitui um preâmbulo para os argumentos sobre a substância", i.e., porque a resposta a esta questão é um pré-requisito para estabelecer certas coisas sobre a substância, que é a principal preocupação desta ciência. Esta dificuldade é por que a coisa da qual a expressão inteligível, a saber, a quiddidade, é uma definição, "é una". Pois uma definição é uma expressão inteligível que significa uma quiddidade; por exemplo, a definição de homem é "animal bípede", pois suponhamos que esta seja a sua definição. Portanto, a questão é: por que esta coisa chamada animal bípede é una e não muitas?

1538. Pois homem (641).

Em seguida, ele apresenta argumentos de ambos os lados da questão; e faz isso, primeiro (641:C 1538), para mostrar que uma coisa não é produzida a partir deles; e segundo (643:C 1540), para mostrar que o contrário é verdadeiro ("Mas todos os elementos").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que uma coisa não é produzida a partir de um gênero e uma diferença. Segundo (642:C 1539), mostra que uma coisa não é produzida a partir de muitas diferenças ("E mesmo se").

Ele diz, portanto, primeiro (641), que essas duas coisas, homem e branco, são muitas quando uma não está presente na outra; pois, se o branco não pertence ao homem, então homem e branco não são de modo algum uma coisa. Mas eles são uma coisa quando um deles está presente no outro, e quando o sujeito, homem, "é o receptor do outro", ou seja, quando recebe a modificação, branco; e então algo acidentalmente uno é produzido a partir dessas duas coisas, a saber, um homem branco. Ora, a partir dessas observações, entende-se que uma coisa não é produzida a partir de duas coisas quando uma não existe na outra. Mas "neste caso", isto é, quando se fala de animal bípede, "um", a saber, animal, não participa "do outro", a saber, bípede, como o homem branco participa do branco. E isso é assim porque animal é um gênero e bípede é uma diferença. Mas um gênero não parece participar das diferenças, pois seguir-se-ia que a mesma coisa participaria de contrários ao mesmo tempo; pois as diferenças são os contrários "pelos quais um gênero é distinguido", i.e., pelos quais um gênero é dividido; e pela mesma razão que participa de um, participará do outro. Mas, se é impossível para a mesma coisa participar de contrários, será

impossível que uma coisa seja produzida a partir de um gênero e uma diferença.

1539. E mesmo se (642).

Em seguida, ele mostra que uma coisa não pode ser produzida a partir de muitas diferenças. Diz que, mesmo que se admita que um gênero participe de alguma forma de uma diferença (como, por exemplo, animal não é tomado em seu aspecto comum, mas na medida em que é restrito a uma espécie por uma diferença, e então uma coisa é produzida a partir de um gênero e uma diferença), o mesmo argumento ainda pode ser usado para mostrar que uma definição não significa uma coisa, se muitas diferenças são dadas na definição; por exemplo, se na definição de homem são dadas estas três diferenças: primeiro, capaz de andar ou ter pés, segundo, bípede, e terceiro, sem asas; pois não se pode dizer por que essas coisas são uma e não muitas.

1540. Pois, para explicar isso, não basta dar como razão que elas existem em uma coisa (como no animal, homem), porque dessa forma seguir-se-ia que todos os acidentes que inerem em qualquer sujeito seriam essencialmente uma coisa; pois falamos de um acidente em relação a outro acidente, bem como ao sujeito. E, já que aquelas coisas que são acidentes de um sujeito podem também ser acidentes de outro sujeito, seguir-se-ia que esses dois sujeitos seriam um, por exemplo, neve e um cisne, em ambos os quais a brancura é encontrada. E assim, por inferência, seguir-se-ia que todas as coisas seriam uma. Portanto, não se pode dizer que uma coisa é produzida a partir de muitas diferenças, mesmo que uma coisa seja produzida a partir de um gênero e uma diferença. Assim, parece que uma definição não significa uma coisa composta de duas partes.

1541. Mas todos os elementos (643).

Aqui ele argumenta um lado da questão, mostrando que uma definição significa uma coisa. Diz que todos os atributos que são dados em uma definição devem ser um. E isso é assim porque uma definição é uma expressão inteligível una, e o que ela significa é a substância de uma coisa. Portanto, uma definição deve ser uma expressão inteligível que significa uma coisa, porque a substância de uma coisa, que a definição significa, é uma quiddidade. E também foi dito acima (582:C 1330, onde se mostrou que a definição pertence propriamente às substâncias) que uma definição significa uma coisa particular.

1542. Agora é necessário (644).

Ele responde à questão anterior mostrando que uma definição significa uma coisa; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro (644), mostra como uma coisa é produzida a partir de um gênero e uma diferença; e segundo (645:C 1551), mostra como uma coisa é produzida a partir de muitas diferenças ("Novamente, é").

Ele diz, portanto, primeiro (644), que para investigar a unidade das definições é necessário, primeiro, examinar as definições que se baseiam na divisão do gênero em diferenças. Pois essas são verdadeiras definições que não contêm nada além do gênero primário e das diferenças, porque algumas definições se baseiam em certos acidentes, ou em certas propriedades, ou também em certas causas extrínsecas, que não significam a substância de uma coisa. Portanto, tais definições não são pertinentes, já que aqui ele trata das definições com vistas a investigar as substâncias das

coisas.

1543. Portanto, digo que em uma definição há um gênero primário com diferenças, porque, mesmo que às vezes se dê nas definições certos gêneros intermediários entre o gênero primário, que é o mais geral, e as últimas espécies que são definidas, no entanto esses gêneros intermediários nada mais são do que o gênero primário e as diferenças incluídas no entendimento do gênero intermediário "junto com isso", i.e., junto com o gênero primário; como quando animal, que é um gênero intermediário, é dado na definição de homem, é evidente que animal nada mais é do que substância, que é o gênero primário, junto com certas diferenças; pois um animal é uma substância viva sensível. E o caso é o mesmo quando entendemos o gênero primário como animal "com pés"; e novamente quando entendemos o terceiro gênero como "animal bípede sem asas". E o mesmo é verdade quando qualquer gênero é limitado por muitas diferenças; pois um gênero subsequente sempre inclui um gênero anterior junto com alguma diferença. Assim, é evidente que toda definição se dissolve em um gênero primário e certas diferenças.

1544. E, em geral, não faz diferença se a coisa definida é definida por muitos termos ou por poucos. Assim, não faz diferença se é definida por poucos ou por dois, desde que um deles seja um gênero e o outro uma diferença; pois animal é o gênero de animal bípede, e o outro termo, a saber, bípede, é a diferença. Portanto, deve-se mostrar, primeiro, como uma coisa é produzida a partir destes. Isso se torna claro como se segue.

1545. Um gênero não existe separadamente das coisas que são suas espécies, pois nenhum animal é encontrado que não seja um homem ou um boi ou algum outro animal desse tipo. Ou, se há algo que é um gênero separado de suas espécies, tomado no sentido de que existe separado de suas espécies, não é um gênero, mas matéria, porque é possível que algo seja tanto o gênero quanto a matéria de certas coisas, como o som vocal é tanto o gênero das letras quanto sua matéria. Que é um gênero é evidente pelo fato de que diferenças adicionadas ao som vocal fazem as espécies de sons articulados; e que é matéria é evidente porque as diferenças "fazem os elementos", i.e., as letras, "a partir disso", a saber, a partir do som vocal, como algo é feito a partir da matéria.

1546. Além disso, deve-se entender que, embora gênero e matéria possam ser os mesmos no nome, eles não significam a mesma coisa; pois a matéria é uma parte integral de uma coisa e, portanto, não pode ser predicada de uma coisa, pois não se pode dizer que o homem é carne e ossos. Mas um gênero é predicado de suas espécies e, portanto, deve de alguma forma significar a coisa toda, assim como a matéria junto com sua privação é às vezes designada pelo simples nome da matéria em vista da falta de nome das privações, como foi dito acima (610:C 1416) que o bronze é tomado por bronze informe quando dizemos que uma estátua é feita de bronze; e de maneira similar, quando a forma não tem nome, o composto de matéria e forma é designado pelo simples nome da matéria — não matéria comum, mas alguma matéria determinada. E dessa forma é tomado como gênero; pois, assim como uma espécie é um composto de matéria e uma forma determinada, também um gênero é um composto de matéria e uma forma comum.

1547. Isso se torna evidente de muitas maneiras. Pois "corpo" pode ser tomado tanto como matéria quanto como gênero do animal, porque, se entendemos na noção de corpo uma substância completada por sua forma última, tendo em si três dimensões, então corpo é um

gênero e suas espécies são as substâncias completas determinadas por essas formas últimas, como as de ouro, de prata, de oliveira ou de homem. Mas se alguém considera na noção de corpo apenas que ele é uma coisa que tem três dimensões com aptidão para uma forma última, então corpo é matéria.

1548. E o mesmo se aplica no caso de um som vocal; pois se na expressão inteligível de som vocal se inclui a formação do som em comum segundo a forma que se subdivide nas diferentes formas das letras e sílabas, então som vocal é um gênero. Mas se na expressão inteligível de som vocal se entende apenas a substância do som, à qual a formação anterior pode acrescer-se, então som vocal será a matéria das letras. Disso também se evidencia que som vocal, que é um gênero, não pode existir sem espécies; pois um som só pode ser formado se tiver a forma definida desta ou daquela letra. Mas se faltasse totalmente a forma de uma letra, na medida em que é matéria, então seria encontrado sem letras, assim como o bronze é encontrado sem as coisas que dele são produzidas.

1549. Se as afirmações anteriores são verdadeiras, então é evidente que uma definição é uma expressão inteligível que tem unidade a partir de suas diferenças, de tal modo que toda a essência da definição está incluída de certa forma na diferença. Pois "animal", que é um gênero, não pode existir sem espécies, porque as formas das espécies, as diferenças, não são formas diferentes da forma do gênero, mas são as formas do gênero carecendo de determinação; por exemplo, é evidente que animal é uma coisa que tem alma sensitiva, que homem é aquele que tem alma sensitiva "tal e tal", isto é, com razão, e que leão é aquele que tem alma "tal e tal", isto é, com abundância de ousadia. E o mesmo ocorre em outros casos. Por isso, quando uma diferença é adicionada a um gênero, não é adicionada como se fosse uma essência distinta do gênero, mas como se estivesse contida implicitamente no gênero, assim como o determinado está contido no indeterminado, por exemplo, o branco na coisa colorida.

1550. E à luz disso, o problema levantado acima (640:C 1537) é resolvido, pois nada impede que um mesmo gênero contenha em si várias diferenças, assim como o indeterminado contém em si várias coisas determinadas. E, além disso, é resolvido pelo fato de que uma diferença não acresce a um gênero como constituindo uma essência distinta dele, como o branco acresce ao homem.

1551. Em seguida, ele (645).

Ele mostra, então, que uma multiplicidade de diferenças não impede que uma definição seja una; e a esse respeito faz duas coisas. Primeiro, mostra de que modo uma multiplicidade de diferenças deve ser tomada em uma definição. Segundo (646:C 1555), mostra que, se as diferenças são tomadas do modo correto, uma multiplicidade de diferenças não impede que uma definição seja una ("Se essas coisas").

Ele diz, portanto, primeiro (645) que, no caso daquelas definições que incluem muitas diferenças, não apenas o gênero deve ser dividido por uma diferença, mas a primeira diferença também deve ser dividida pela segunda diferença; por exemplo, "que tem pés" é a diferença de animal segundo a qual se diz que o animal tem pés ou é capaz de andar; mas como essa diferença também é encontrada em muitas formas, é novamente necessário conhecer a diferença de tal animal, isto é, qual é sua diferença, "enquanto tem pés", ou seja, enquanto é considerado essencialmente e não

acidentalmente.

1552. Portanto, visto que é acidental a uma coisa que tem pés ter asas, não se deve dizer, ao dividir a diferença, que entre aquelas coisas que têm pés, um tipo é alado e outro não alado, se alguém deseja expressar corretamente a divisão das diferenças. No entanto, quando alguém ao dividir diferenças "faz isso", de tal modo que a divide por meio daqueles atributos que são acidentais, é por isso que não pode encontrar diferenças próprias e essenciais. Pois às vezes a necessidade nos obriga a usar diferenças acidentais no lugar de diferenças essenciais, na medida em que as diferenças acidentais são sinais de certas diferenças essenciais que desconhecemos.

1553. Mas essa diferença "ter pés" deve ser dividida deste modo, ou seja, de modo que entre os animais desse tipo um tipo tem pés fendidos e outro não; pois estes, a saber, fendido e não fendido, "são as diferenças do pé". Portanto, ter pés fendidos divide essencialmente a diferença ter pés; pois um pé fendido "é um certo tipo de pé", ou seja, a diferença ter pés fendidos é algo contido sob a diferença ter pés; e eles se relacionam entre si como o determinado ao indeterminado, como dissemos a respeito do gênero e da diferença.

1554. E é sempre necessário proceder desse modo na divisão das diferenças até que aquele que faz a divisão "chegue às espécies que não têm diferença", ou seja, às diferenças últimas, que não são mais divididas em outras diferenças; e então haverá tantas espécies de pé quantas forem as diferenças, e as espécies de animais que têm pés serão iguais em número às diferenças; pois qualquer diferença individual constitui uma espécie última.

1555. Se essas coisas (646).

Ele mostra aqui, a partir do que foi estabelecido, que uma multiplicidade de diferenças não impede que uma definição seja una. E a esse respeito faz duas coisas. Primeiro (646:C 1555), prova sua tese. Segundo (648:C 1561), tira a conclusão a que visa ("Portanto, é evidente").

Quanto à primeira, faz duas coisas. Primeiro, prova como uma coisa é produzida a partir de muitas diferenças, se as diferenças são entendidas essencialmente. Segundo (647:C 1560), mostra que isso não pode ocorrer se as diferenças são entendidas acidentalmente ("Mas se a divisão").

Ele diz, portanto, primeiro (646) que, se as diferenças tomadas em uma definição são tais "como foi indicado", isto é, de modo que as diferenças sejam sempre tomadas essencialmente e não acidentalmente, é óbvio que a diferença última constituirá toda a substância da coisa e sua definição inteira; pois ela inclui em si todas as partes precedentes.

1556. Pois, com base no fato de que um gênero não existe sem diferenças, foi mostrado que um gênero está incluído em suas diferenças. Mas que a diferença última inclui todas as diferenças precedentes é evidente pelo fato de que, a menos que isso fosse afirmado como tal, seguir-se-ia que "nas expressões definitórias das coisas", ou seja, em suas definições, a mesma coisa teria que ser expressa muitas vezes. Isso seria supérfluo e sem sentido.

1557. E essa conclusão absurda decorre porque, se alguém definisse um animal dizendo "bípede que tem pés" (como deve fazer se "bípede" é uma diferença distinta de "ter pés" e não a inclui), ao defini-lo dessa forma, não teria dito nada além de "animal que tem pés que tem dois pés"; pois

"bípede" nada mais é do que "ter dois pés", no qual a diferença "ter pés" está obviamente incluída. Portanto, fica evidente que, se ambos são usados, obtém-se um nonsense.

1558. Além disso, se alguém divide "bípede pela sua diferença própria", i.e., por aquelas coisas que são essenciais e não acidentais, segue-se ainda que a mesma coisa é expressa muitas vezes, e tantas vezes quanto o número de diferenças usadas, de modo que, se eu digo que um tipo de animal bípede é aquele que tem um pé dividido em cinco dedos, e outro tipo é aquele que tem um pé dividido em quatro dedos, qualquer um que deseje dar todas as diferenças intermediárias ao definir o homem expressaria a mesma coisa muitas vezes, e tantas vezes quantas diferenças adicionasse; pois diria que o homem é um animal que tem pés, que tem dois pés, que tem pés divididos em cinco dedos.

1559. Ora, uma vez que essas coisas são inaceitáveis, é evidente que, se diferenças são tomadas em uma definição, haverá uma diferença última, a saber, aquela "que será a forma específica e a substância", i.e., que compreende a substância e a forma específica da coisa definida; e, como resultado da unidade dessa diferença, a definição será una.

1560. Mas se a divisão (647).

Aqui ele mostra que a definição não pode ser dita una se as diferenças que são tomadas são acidentais. Ele diz que, se alguém, ao dividir e definir, tomasse uma diferença accidental (por exemplo, se coisas que têm pés fossem divididas, umas em pretas e outras em brancas), haveria tantas diferenças últimas quantas forem as divisões feitas, porque uma delas não incluiria a outra. E com relação às diferenças tomadas dessa forma, o argumento introduzido acima era dirigido contra a unidade da definição; pois diferenças desse tipo, tomadas acidentalmente dessa forma, seriam unas apenas no sujeito, e isso não é suficiente para explicar a unidade da definição.

1561. Portanto, é evidente (648).

Ele agora conclui sua tese; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, apresenta sua conclusão. Diz que fica evidente, a partir das discussões acima, que, embora um gênero e uma diferença sejam dados em uma definição, ainda assim uma definição é uma expressão inteligível composta apenas de diferenças, porque um gênero não é algo separado de suas diferenças, como foi dito acima (644:C 1549). E mesmo que muitas diferenças sejam dadas em uma definição, ainda assim toda a definição depende e é constituída pela diferença última, quando a divisão é feita "corretamente", i.e., descendo das diferenças essenciais mais comuns para as menos comuns, e não trazendo diferenças acidentais de lado, por assim dizer.

1562. Além disso, isso será evidente (649).

Segundo, ele esclarece por meio de um exemplo a conclusão que foi tirada, dizendo "além disso, isso será evidente", a saber, que toda a definição consiste na diferença última, com base no fato de que, se alguém muda as partes de tais definições, ocorre um absurdo. Assim, alguém poderia dizer que a definição de homem é um animal bípede que tem pés. Mas, tão logo "bípede" é expresso, é supérfluo adicionar "ter pés". Mas se alguém dissesse primeiro "ter pés", ainda seria necessário perguntar se era bípede, dividindo a diferença "ter pés".

1563. Disso fica evidente que, na medida em que essas diferenças são muitas, elas têm uma ordem definida entre si. Mas isso não pode significar que haja qualquer ordem na substância de uma coisa; pois não se pode dizer que esta parte de uma substância é anterior e outra posterior, porque a substância é completa toda de uma vez e não sucessivamente, exceto no caso daquelas coisas que são deficientes no ser, como o movimento e o tempo.

1564. Portanto, é evidente que uma multiplicidade de partes em uma definição não significa uma multiplicidade de partes essenciais das quais a essência é constituída como se fossem coisas distintas; mas todas significam uma única coisa que é tornada determinada por uma diferença última. Também é evidente disso que há uma única forma substancial para cada espécie. Assim, há uma única forma de leão pela qual ele é uma substância, um corpo, um corpo vivo, um animal e um leão; pois, se houvesse muitas formas correspondendo a todas as diferenças mencionadas acima, todas não poderiam ser incluídas sob uma diferença, nem uma única coisa poderia ser composta delas.

1565. Por fim, ele encerra sua discussão com um resumo. Diz que, com relação às definições que se baseiam nas divisões dos gêneros em diferenças e das diferenças em diferenças, esses pontos devem constituir uma declaração preliminar "do tipo de coisas que elas são": são compostas de predicados essenciais, contêm em si mesmas as partes da forma específica, e cada uma também é uma unidade. Ele diz "preliminar" porque, nas discussões seguintes, certos pontos são estabelecidos sobre definições e quididades.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:20:32 by Admin

Updated 16 September 2026 22:30:12 by Admin